

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE  
CULTURA E COMUNICAÇÃO

BRUNA SILVESTRE DO NASCIMENTO

**Roque Pense: protagonismo feminino em projetos culturais**

São Paulo

2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE  
CULTURA E COMUNICAÇÃO

## **Roque Pense: protagonismo feminino em projetos culturais**

**Bruna Silvestre do Nascimento**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do  
título de Especialista em Gestão de Projetos  
Culturais e Organização de Eventos

**Orientador: Prof. Dr. Silas Nogueira**

São Paulo

2020

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. Dr. Silas Nogueira por seus ensinamentos.

Aos meus colegas de turma por enriquecerem as discussões nas aulas.

A secretaria do CELACC pela organização.

A minha família pelo suporte durante o curso e nesse trabalho.

## **Roque Pense: protagonismo feminino em projetos culturais<sup>1</sup>**

**Bruna Silvestre do Nascimento<sup>2</sup>**

**Resumo:** O presente artigo articulará conceitos sobre feminismos e produção cultural com a trajetória histórica da Roque Pense, do projeto inicial à rede de mulheres produtoras culturais. Reflete-se introdutoriamente a respeito dos conceitos, dos incômodos gerados pela ausência de mulheres em lugares de destaque, passando por aspectos de teorias da cultura, democracia, direitos humanos, redes culturais, cultura antissexista, racismo, classismo, e mecanismos de incentivo à cultura. Observa-se o movimento de mulheres na Baixada Fluminense; e como a aplicação organizada desses incentivos poderá fortalecer o protagonismo feminino em projetos culturais. Busca-se compreender os possíveis impactos gerados por meio dessas ações.

**Palavras-chave:** Protagonismo Feminino. Roque Pense. Baixada Fluminense. Projetos Culturais. América Latina.

**Abstract:** This paper will articulate feminism and cultural production with the Roque Pense's trajectory, from the initial project to the women network. Initially we'll reflect about the concepts, the discomfort generated by the absence of women in prominent places, passing through aspects of the theories of culture, democracy, human rights, cultural networks, anti-sexism culture, racism, classism, and cultural funding mechanisms. Observing the women's movement in the Baixada Fluminense and how the application of these incentives in an organized manner can contribute to consolidating the female protagonism in cultural projects. We will seek to understand the possible impacts generated by these actions.

**Key words:** Female Protagonism. Roque Pense. Baixada Fluminense. Cultural Projects. Latin America.

**Resumen:** Este trabajo va a articular ideas acerca de los feminismos y de la producción cultural con la trayectoria de Roque Pense, desde el comienzo del proyecto hasta la red de las mujeres. Reflexionaremos introdutoriamente acerca de los conceptos, el malestar que genera la ausencia de las mujeres en lugares destacados, pasando por aspectos de las teorías de la cultura, democracia, derechos humanos, redes culturales, cultura antisexista, racismo, clasismo, y mecanismos de financiamiento la cultura. Observando el movimiento de mujeres en la Baixada Fluminense; y cómo los incentivos de manera organizada pueden fortalecer el papel de la mujer en los proyectos culturales. Buscaremos comprender los posibles impactos generados por estas acciones.

**Palabras clave:** Protagonismo Femenino. Roque Pense. Baixada Fluminense. Proyectos Culturales. América Latina.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos.

<sup>2</sup> Pós-graduanda em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos (CELACC USP), Professor Orientador Silas Nogueira. Graduada em Produção Cultural (IFRJ).

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo procura refletir e articular os conceitos sobre feminismos e produção cultural. O tema escolhido diz respeito ao movimento de mulheres na cultura, destaca-se a Roque Pense, uma rede de mulheres que atuam em projetos culturais na Baixada Fluminense. Para chegar ao objetivo, que é compreender como o protagonismo feminino pode ser incentivado em projetos culturais, buscou-se articular o histórico de projetos da Roque Pense; os meios de financiamento; e os possíveis impactos gerados por meio dessas ações. Os conceitos discutidos na pesquisa estão embasados teoricamente (ALVES; PITANGUY, 1985; BIROLI; MIGUEL, 2014; DAVIS, 2016; HOOKS, 1995).

A autora deste trabalho viveu por mais de 4 anos na Baixada Fluminense, lugar onde conheceu a Roque Pense no ano de 2015, período no qual se graduava em Produção Cultural. Participou de dois projetos, sendo eles o Festival e o Estúdio Roque Pense!, na condição de assistente de produção.

Pode-se entender que o movimento feminista — ao menos nos países ocidentais que realizam os debates sobre opressão, discriminação de gênero, invisibilidade das necessidades das mulheres, entre outros — é um processo de conscientizar as mulheres sobre elas próprias, sobre os seus desejos, seus direitos, sua emancipação em relação ao homem; buscar sua condição de humanidade, de sujeito político; ter controle sobre seu próprio corpo; e conhecer sua sexualidade.

Ao apresentar a rede Roque Pense, evidencia-se como as políticas públicas de incentivo à cultura são um grande aliado na produção e difusão da cultura antissexista, principalmente na região da Baixada Fluminense, em que há violações de direitos e violência policial como política de Estado. As principais técnicas de coleta de dados são o levantamento do histórico de projetos da Roque Pense e das publicações registradas no site, e a verificação de quais foram os meios de financiamento dos projetos. Depois de realizar os levantamentos e as análises dos materiais colhidos, busca-se compreender os possíveis impactos gerados no protagonismo das mulheres por meio dos projetos.

A História mostra que, se as mulheres ocupam diferentes espaços de poder hoje, é porque houve lutas por esses espaços, para o exercício de outras atividades tidas como não femininas. O empenho foi delas por elas mesmas, nada foi dado gratuitamente ou por meio de generosidade dos homens. Os espaços de poder eram aqueles destinados primeiramente à ocupação masculina, “como as atividades de filosofia, política e artes” (ALVES; PITANGUY, 1985), consideradas nobres. À mulher cabiam as atividades de servidão à casa,

aos filhos e ao marido. Na sociedade romana, as mulheres conseguiram alguns direitos e algumas posições de poder devido aos seus protestos. Na Inglaterra e nos Estados Unidos os homens operários conseguiram o sufrágio universal, mas não incluíam o sufrágio feminino. Então as mulheres passaram a lutar por esse direito também por meio de protestos, indagações, as associações referentes ao trabalho. Chegou-se a um ponto em que esse movimento foi reconhecido como um movimento político feminino, conhecido como a primeira onda feminista, em que as mulheres conseguiram a garantia de votar e de serem votadas, participando assim da esfera pública e da tomada de decisões, exercendo sua cidadania.

Esta foi uma luta específica, que abrangeu mulheres de todas as classes. Foi uma luta longa, demandando enorme capacidade de organização e uma infinita paciência. Prolongou-se, nos Estados Unidos e na Inglaterra por 7 décadas. No Brasil, por 40 anos, a contar da Constituinte de 1891 (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 44).

Para além do voto, outro tema importante expresso é sobre cultura e sexo, contando com a contribuição de outra autora, Simone de Beauvoir, em seu livro “O Segundo Sexo” (ALVES; PITANGUY, 1985 apud BEAUVOIR, 1949). No século XX, os sistemas político-econômicos absorveram, de alguma maneira, a participação das mulheres na esfera pública e no mercado, devido à guerra mundial em que os homens deveriam ir à batalha e elas, ao trabalho. Quando a guerra acabou, muitos homens que retornam quiseram seus trabalhos de volta e houve um movimento ideológico para incentivar essas mulheres a voltarem ao trabalho doméstico, tirando-as do mercado de trabalho (ALVES; PITANGUY, 1985). Segundo as autoras, Simone de Beauvoir, em seus estudos, percebe

O desenvolvimento psicológico da mulher e os condicionamentos que ela sofre durante o período de sua socialização, condicionamentos que, ao invés de integrá-la a seu sexo, tornam-na alienada, posto que é treinada para ser mero apêndice do homem. Para a autora, em nossa cultura é o homem que se afirma através de sua identificação com seu sexo, e esta autoafirmação, que o transforma em sujeito, é feita sobre a sua oposição com o sexo feminino, transformado em objeto, e visto através do sujeito (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 52).

## **2. ROQUE PENSE, FEMINISMOS E PRODUÇÃO CULTURAL**

### **2.1. Garotas, roque e a Baixada Fluminense**

O Festival Roque Pense! iniciou-se como projeto cultural com o objetivo de realizar um circuito de bandas de rock com garotas em um cenário de música independente em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Propôs-se uma cultura antissexista ao discutir discriminação

de gênero e direitos das mulheres em suas ações. Ao longo dos anos e dos desdobramentos de projetos, tornou-se uma rede de mulheres produtoras culturais, artistas, pesquisadoras, *artvistas*, seja na técnica de som e luz, seja fazendo cultura em todas as suas formas.

A Baixada Fluminense faz parte da região metropolitana do Rio de Janeiro, dividida entre 10 ou 13 municípios, dependendo da literatura. Aqui serão reconhecidos os 13: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica. Essa é uma região apresentada nas capas de jornais e em outros meios de comunicação por seus casos de criminalidade, uma percepção que desvaloriza as diferentes produções culturais presentes nos municípios, podendo criar um imaginário comum de que nessa região, por ser periférica, somente crimes acontecem.

A idealizadora do projeto, Giordana Moreira, em suas vivências pelo cenário cultural da Baixada, percebeu a falta de mulheres em lugares de destaque. Incomodada por essa ausência na música independente, decidiu realizar, junto com a rede cultural da região, os primeiros circuitos de bandas de rock com mulheres na Praça do Skate em Nova Iguaçu, no ano de 2011 (informação verbal)<sup>3</sup>.

De acordo com o site institucional, o Festival Roque Pense! é um dos desdobramentos daquele circuito de bandas e é seu projeto de destaque. A primeira edição foi realizada no ano seguinte, com o objetivo de “promover a produção artística e cultural feminina no rock e cultura urbana, é o primeiro festival antissexista da região, foi transmitido ao vivo pela internet e reuniu mais de duas mil pessoas em três dias de festival ao ar livre” (ROQUE PENSE, 2012).

A segunda edição estava prevista para acontecer novamente no município de Nova Iguaçu, porém a produção encontrou dificuldades para a realização, “com total ausência de políticas públicas locais para a cultura” (ROQUE PENSE, 2013). O outro município escolhido foi Mesquita, “capital do rock da Baixada Fluminense”, registro declarado no site. O Festival teve programação com debate e oficinas de “Recursos de áudio para mulheres”, ministrada por Rafaela Bianchi da IATEC, e “Produção executiva para shows”, ação do projeto Laboratório Roque Pense!. O evento contou também com *jam session* feminina de skate, grafite, roda de ideias sobre ativismo feminino na Baixada Fluminense, além de 12 shows de bandas com ao menos uma mulher protagonista. No total, foram 118 bandas inscritas de 13 estados diferentes.

---

<sup>3</sup> Informação fornecida por Giordana Moreira no Rio de Janeiro, em 2015.

Esse é o principal debate que o projeto levanta: não dá pra ficar parada vendo a banda passar sem questionar o porquê de só os homens, ao longo da história ocuparem, majoritariamente, o cenário cultural que nasce na rua e dela faz seu espaço mais legítimo (ROQUE PENSE, 2013).

A rede cultural da região também realizou atividades em outros municípios: os cineclubes Mate com Angu com a “Sessão Mate Pense!”, em Duque de Caxias, e o Buraco do Getúlio com a “Sessão Roque Pense!”, em Nova Iguaçu. Como mencionado anteriormente, as capas dos jornais locais publicam matérias relacionadas à criminalidade local, no entanto, as mulheres da Roque Pense conseguiram “virar o jogo” e estampar as capas dos jornais produzindo a segunda edição do primeiro festival antissexista da região, centralizado na programação de atividades e pautas dedicadas às mulheres.

As sessões simbolizaram o que o Boletim Roque Pense! anunciava: ‘Nas ruas, no ano da Cultura Alternativa da Baixada Fluminense’, os coletivos de resistência cultural trabalhando juntos em um momento único para a cena local (ROQUE PENSE, 2013).

Nessa terceira edição do Festival, foi homenageada Armanda Álvaro Alberto, devido à sua trajetória como feminista, educadora e militante social. Ela fundou a Escola Proletária de Meriti, conhecida como ‘Mate com Angu’ por ser uma das primeiras escolas da América Latina a servir merenda escolar, entre outras participações importantes em Duque de Caxias.

Realizamos um dos mais importantes festivais de música da região e de protagonismo feminino no rock do país, o Festival Roque Pense!, que desdobrou-se em outros projetos. O Laboratório RP! de formação em Produção Cultural e estudos feministas, o Canal RP! com *sessions* e entrevistas e o Circuito RP! de shows ao vivo, além de campanhas, publicações, entre outras. São intervenções que promovem o protagonismo feminino na música e em toda a cadeia produtiva deste circuito, como na técnica em espetáculos, artes visuais e produção de conteúdo. Nosso objetivo é promover o acesso das mulheres aos meios de produção e consumo de bens culturais, e através desses fazeres atuar na garantia de direitos. Parte das mulheres deste território popular um imaginário de mudança de parâmetros para o modo de produção cultural no contexto global, com base em práticas e valores feministas, para um circuito de arte e cultura, independente e antissexista (ROQUE PENSE, 2015).

A autora deste artigo esteve presente na condição de assistente de produção do Festival, na semana do Dia Internacional da Mulher, entre os dias 5 e 8 de março de 2015, na Praça do Pacificador em Duque de Caxias. A abertura teve início em 5 de março, na Biblioteca Leonel Brizola, quando foi debatido o tema central “Garotas, roque e novas ideias por uma Baixada sem violência”. A programação continuou com a roda de ideias, na qual participaram Luciana Campello (Fundo Elas)<sup>4</sup>, Jussara Ribeiro (Blogueiras Feministas)<sup>5</sup> e

---

<sup>4</sup> Fundo Elas: Fundo de Investimento Social. Disponível em: <http://www.fundosocialelas.org/institucional.asp>. Acessado em: 18/11/2020.

<sup>5</sup> Blogueiras Feministas: Blog de temática feminista. Disponível em: <https://blogueirasfeministas.com/sobre-o-blog>. Acessado em: 18/11/2020.

Schuma Schumacher. Para o encerramento do primeiro dia, a cantora Ive Seixas apresentou, em voz e violão, sua música autoral “Andorinha só”.

Nos dias seguintes, a programação contou com os shows de Ive Seixas (RJ), Indiscipline (RJ), Melyra (RJ), Post (SP), Anti Corpos (SP), Street Cats (RS), Drenna (RJ), Flip Chicks (SP), The shorts (PR), Aimee Tequila (RJ), Izzy Bey (RJ), Join the dance (RJ) e Útero Punk (SP). Além de apresentar sonorização e iluminação por DJ Natasha Durski, Feminoise, Fábrica de Sonhos e VJ Paulo China. A artista visual Gabi Bruce (PE), do Coletivo Flores do Brasil<sup>6</sup>, realizou o *live painting* e grafitou a palavra de ordem do Festival “Sororidade!”.

Outras atividades também aconteceram enquanto as bandas não estavam no palco, como as oficinas de produção cultural com Gabi Bruce, Sabrina Bittencourt, Geo Abreu, Fabiane Albuquerque e Manu Castilho. A artista visual Gabi Bruce compartilhou na oficina suas técnicas da rua para produção de lambe-lambe a baixo custo. As mulheres do Cineclube Mate com Angu propuseram uma oficina de videoclipe focada na participação das mulheres na produção audiovisual. Segundo o site,

a maior surpresa desta atividade foi a lotação esgotada de participantes, muitas garotas querendo conhecer o feminismo e criar coletivos. Jovens de 15 a 22 anos em média, dispostas a entender e encarar o machismo encontraram ali um espaço livre, companhia e técnicas, para multiplicar nos seus ambientes (ROQUE PENSE, 2015).

No último dia de programação, Dia Internacional da Mulher, além dos shows, o destaque também foi para a pista de skate. “Girls In Ação” é uma competição feminina de skate organizada pela atleta Maryjane, que esteve comandando a pista. Segundo a publicação no site, na Categoria Feminino I, em 1º lugar Vitoria Mendonça e em 2º lugar Sarah Lins. Segundo a campeã:

A iniciativa é de grande importância para incentivar mais meninas a praticar o esporte. Fiquei feliz por ver as pessoas torcendo pela gente, e a cara de espanto delas ao verem todas voltando com manobras pesadas (ROQUE PENSE, 2015).

O protagonismo feminino da Roque Pense torna-se visível pelo trabalho realizado desde o início enquanto projeto cultural e, mais tarde, como rede. As participantes movimentaram os lugares por onde passaram, abrindo espaços para mais mulheres entrarem e colocarem em prática suas habilidades e subjetividades, além de aprenderem novos saberes. Colocaram-nas em contato com suas vivências, debateram machismos e maneiras de

---

<sup>6</sup> Coletivo de artistas grafiteiras nordestinas.

reconstruir a relação entre poder e as mulheres. Outro ponto a ser considerado é a extensão simbólica alcançada:

O povo que circulava pela praça, que descia do trem e passavam em ônibus lotados, os escritórios que ouviam as passagens de som e os prédios que refletiam os canhões de luz eram a interferência principal no festival no espaço público, na cidade, conectando o rock a um diálogo com as famílias, sociedade e poder público, sobre os impactos positivos em se produzir cultura na Baixada Fluminense (ROQUE PENSE, 2015).

Pode-se observar a trajetória que o Festival fez em busca de abrir espaço para mais mulheres participarem ativamente da cadeia produtiva da produção cultural (GRILLO, 2017), incluindo a conscientização a respeito de sexismo, racismo e desigualdades enfrentadas tanto na Baixada Fluminense quanto no Brasil como um todo.

O festival foi uma grande celebração do Dia Internacional da Mulher, protagonizada pelas jovens mulheres da cultura urbana e do *rock and roll*, em campanha de enfrentamento a violência doméstica na juventude, reunindo artistas de várias partes do Brasil na periferia fluminense. Nas discussões sobre o feminismo contemporâneo e as táticas de combate a violência de gênero e do machismo, aponta mais do que novas atitudes, mas uma possibilidade para que a construção de uma cultura antissexista seja realidade, até por que já começou (ROQUE PENSE).

Os projetos continuaram nos anos seguintes, porém foi necessária uma readaptação de orçamento e produção devido aos cortes públicos de financiamento à cultura, todos os projetos tiveram aporte financeiro por meio de editais e chamamentos públicos. Por sua estrutura de grande porte para as ruas, não foi possível realizar o Festival nos anos seguintes.

No entanto, outros projetos tiveram continuidade, como o circuito de bandas e o Laboratório RP!, que é dedicado à formação em produção cultural e estudos feministas. Outra iniciativa que surgiu foi o “Estúdio RP!”, uma série musical disponibilizada no canal Roque Pense! do YouTube<sup>7</sup>, contando, até o momento, com 3 temporadas realizadas. A autora deste artigo trabalhou na produção da primeira. Ademais, o “PodPense!”<sup>8</sup> é o projeto mais recente da rede, estreou durante a pandemia do vírus Sars-COV-2 em 2020. Em cada episódio do *podcast*, uma convidada conversa sobre a relação da mulher com a arte na indústria. O primeiro assunto abordado foi a “síndrome da impostora”.

## 2.2. Discussão e análises

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/c/CanalRoquePense/featured> . Acesso em: 17/11/2020.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://youtu.be/JviFbZpPIOo> . Acesso em: 17/11/2020.

O movimento feminista (KERGOAT, 2010; PINTO, 2010), de maneira generalizada, é uma forma de organização social e política, movida e protagonizada por mulheres que buscam melhores condições de vida, independência, autonomia, consciência sobre seus corpos e sua sexualidade. É uma luta pela igualdade de direitos para mulheres em relação aos direitos dos homens. Busca também visibilidade e reconhecimento em suas profissões (WOOLF, 2012), entre outras pautas e particularidades de cada grupo/classe étnico-cultural, ressaltando que o movimento não é homogêneo. Isso porque historicamente houve silenciamento e apagamento da mulher enquanto ser político, livre e independente. Pode-se observar no seguinte trecho:

Na Grécia a mulher ocupava posição equivalente a do escravo no sentido de que tão-somente estes executavam trabalhos manuais, extremamente desvalorizados pelo homem livre. Em Atenas ser livre era, primeiramente, ser homem e não mulher, ser ateniense e não estrangeiro, ser livre e não escravo. A afirmação de Platão expressa bem essa realidade: “Se a natureza não tivesse criado as mulheres e os escravos teria dado ao tear a propriedade de fiar sozinho (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 11).

Conforme o posicionamento político da Roque Pense e a vertente do feminismo interseccional, compreende-se a necessidade dos recortes de opressões de acordo com as vivências das mulheres em suas realidades, quando se vai analisar as estruturas de poder, dominação e exploração (BIROLI & MIGUEL, 2014; DAVIS, 2016; HOOKS, 1995). Visto que não existe apenas um feminismo universal que consiga contemplar todas as mulheres, pois elas são muitas e diversas, o feminismo não é coeso nem homogêneo. Por esse motivo, esta análise irá se basear introdutoriamente em teorias do feminismo negro, que discute não só a discriminação de gênero e de classe, mas também questões raciais. Para esse trabalho, é importante ressaltar as reflexões a respeito da discriminação racial, além das outras mencionadas anteriormente, considerando o nosso recorte territorial brasileiro, especificamente o território periférico da Baixada Fluminense.

O Brasil é um país originário de povos indígenas, africanos escravizados e imigrantes europeus, a nossa história já se inicia com grandes diferenças étnico-culturais e, como ex-colônia de exploração de recursos humanos e naturais, com grandes disparidades nas relações de poder. Cultura costuma ser um conceito complexo, muito discutido e sem um acordo de definição entre os teóricos. Então, neste trabalho, aplicam-se os conceitos apresentados por Terry Eagleton (2000), o conceito de cultura pode ser compreendido como civilidade, no sentido das artes uma qualidade de vida refinada; também como vida social, realização de ações culturais; e, por último, pode ser estético e antropológico, cultura como meio da ação política.

No Brasil Colônia, os dominadores partiam do pensamento de que quem possuía cultura eram apenas os homens brancos vindos da Europa, donos dos meios de produção, da produção e dos recursos produzidos (QUIJANO, 2005). Os outros povos vivendo nessas terras eram considerados selvagens, sem cultura, que precisavam ser civilizados e catequizados. Por isso, a terra sagrada e a produção cultural existente dos povos nativos foram destruídas; os negros foram negados da condição de seres humanos; os valores culturais (linguagem, filosofias, vestimentas, religião, artes, culinária, economia, comportamentos) de Portugal foram impostos como cultura oficial do Brasil.

As disparidades nas relações de poder daquela época trouxeram heranças significativas de atraso social, grande concentração de renda e terras na posse de poucas famílias, além do não reconhecimento das culturas originárias como legítimas. Afetando diretamente, mas não somente, os descendentes dos povos africanos escravizados, destacam-se as mulheres negras. O racismo estrutural descendente do Brasil Colônia colocou as mulheres negras na posição de base da estrutura hierárquica de poder. São elas que sustentam essa estrutura com força de trabalho por mais tempo e não conseguem beneficiar-se do sistema, suas necessidades e direitos são negligenciadas há séculos.

Há muitas gerações, as mulheres sofrem em razão da dominação do homem (SAFFIOTI, 2011), precisando dedicar suas existências a servir à casa, à família e à satisfação do homem de forma compulsória (KERGOAT, 2010), ou seja, sem o questionamento primário do porquê agir de determinada maneira, ou se há o desejo de servir. Quando não cumprem seu papel social de mulher, são violentadas de diversas maneiras: física, verbal, moral, psicológica, financeira, entre outras (SAFFIOTI, 2011). A condição do ser mulher já está sujeita à inferioridade em relação ao homem, tem-se seu valor enquanto ser humano apequenado. Quando se trata da mulher negra, há um agravante que é o racismo estrutural, logo, além da condição de sujeição à dominação de gênero, ela também está sujeita à condição de inferioridade pelo mérito étnico-racial, vindo de um passado escravagista não tão distante, como o caso do contexto brasileiro.

Não é possível pensar no movimento feminista sem apontar a questão étnico-racial tão presente. A mulher negra é reconhecida e legitimada sempre por servir os outros,

O sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros. Desde a escravidão até hoje o corpo da negra tem sido visto pelos ocidentais como o símbolo quintessencial de uma presença feminina natural orgânica mais próxima da natureza animalística e primitiva (HOOKS, 1995, p. 468).

No entanto, bell hooks atenta a inserir no nosso imaginário comum a produção intelectual decolonial da mulher negra:

Num contexto social capitalista de supremacia patriarcal branca como esta cultura nenhuma negra pode se tornar uma intelectual sem descolonizar a mente. Mulheres negras podem se tornar acadêmicas bem-sucedidas sem passar por esse processo e na verdade a manutenção da mente colonizada pode habilitá-las a vencer na academia mas isso não intensifica o processo intelectual. O modelo de insurgência que Cornel West defende identifica adequadamente tanto o processo em que negras devem empenhar-se para se tornar intelectuais quanto as posições que temos de assumir para manter e alimentar essa escolha (HOOKS, 1995, p. 474).

Como mencionado anteriormente, os projetos da Roque Pense subvertem a ordem e realizam um espaço de expressões de trabalho, arte e cultura feitas por e para mulheres. Desse contato coletivo, é possível conhecer perspectivas, subjetividades e intelectualidades vivenciadas por mulheres de diferentes regiões, classes e etnias/raças que tem como ponto de encontro a Baixada Fluminense. Elas comandam o Festival e sobem no palco para legitimar suas ideias e expressões à luz de uma cultura antissexista, antirracista e decolonial. É a oportunidade de transformar mentalidades e aumentar a autoestima para um caminho de questionamentos e posicionamentos de uma sociedade patriarcal.

O autor Stuart Hall (2006), em sua obra “Identidade Cultural na Pós-Modernidade”, apresenta, em suas teorias, os conceitos de sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O do iluminismo é a ideia do ser humano “ser um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia em um núcleo interior [...]” (HALL, 2006, p. 10). A identidade, na concepção sociológica, “preenche o espaço entre ‘interior’ e ‘exterior’— entre o mundo pessoal e o mundo público — o sujeito ainda tem o núcleo, mas este é formado e modificado em um diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2006, p. 11). E a última categoria, sujeito pós-moderno, é interessante porque considera “a identidade não sendo fixa, essencial ou permanente”, fazendo parte do processo de hibridismo ou de fragmentação “em que a identidade é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 13). Então, entendendo a identidade como concepção de sujeito híbrido, “em que não há uma mas várias, podendo ser contraditórias ou não-resolvidas”, pode-se pensar que essa ideia faz mais sentido a uma identidade nacional “fixa e estável” (HALL, 2006, p. 46), visto que a identidade é uma construção histórico-social, usualmente contada pela classe hegemônica. Assim, quando o sistema cultural de uma sociedade privilegia os homens, e as mulheres conseguem perceber essas estruturas de opressão torna-se possível por meio de ações socioculturais pequenas

modificações contra hegemônicas, de acordo com HOOKS (1995), há séculos sem tanta visibilidade as mulheres negras contribuem com a intelectualidade e a educação.

A hegemonia, de acordo com Canclini (1988, p. 22, tradução nossa), “é um processo de direcionamento político e ideológico em que uma classe ou setor tenta conquistar uma apropriação de instâncias do poder em aliança com outras classes”<sup>9</sup>. É possível ver a diversidade cultural avivada quando há conflitos de ideias constantes e contrastantes entre os grupos sociais, disputas pelo poder, questionamentos sobre a ordem imposta, ocupações de territórios dos campos físico e simbólico — características que Jacques Rancière (2015) denominou “partilha do sensível”. Esses “choques”, ou enfrentamentos, possibilitam a dinâmica da cultura e de suas expressões, podendo repelir, de certa maneira, a homogeneização da globalização. Cabe ao Estado democrático de direito, como representação da sociedade civil em seus três poderes, garantir o diálogo entre as culturas e reparar as disparidades históricas por meio de políticas públicas. Há um esforço da comunidade internacional para promover a política do multiculturalismo (UNESCO, 2009), salvo seus inconvenientes e particularidades, pode-se dizer que são acordos com metas para incentivar desenvolvimento e igualdade na diversidade, em áreas essenciais, como educação, cultura, comunicação, direitos humanos, meio ambiente e a cultura de paz. No Brasil, desde o processo de redemocratização, esse esforço aparece em forma de lei por meio da promulgação da Constituição Federal de 1988.

A construção de sociedades coesas requer o desenvolvimento e a aplicação de políticas públicas que garantam o reforço da autonomia e a participação política de todos os grupos e de todos os indivíduos (UNESCO, 2009, p. 29).

Por isso, há a necessidade da participação popular de todas as classes, das universidades e de entidades governamentais no debate das políticas públicas, que são programas de governo para garantir acesso aos direitos e deveres previstos na Constituição. É fundamental entender que políticas públicas não são favores político-partidários, mas sim o cumprimento da lei suprema que rege a sociedade brasileira e que tem por fim o bem-estar de todos os grupos sociais.

No entanto, tem-se visto, em alguns governos eleitos sob o manto republicano e democrático, a ação reversa, que desarticula a mobilização social e encara os diferentes grupos como baderneiros, até mesmo como terroristas, dificultando o diálogo intercultural e promovendo a cultura do ódio e do individualismo na esfera pública (CIOCCARI;

---

<sup>9</sup> “un proceso de dirección política e ideológica en el que una clase o sector logra una apropiación preferencial de las instancias de poder en alianza con otras clases” (CANCLINI, 1988, p. 22).

PERSICHETTI, 2018). Esses governos ainda desarticulam instituições simbólicas como os Ministérios da Cultura, da Educação, do Trabalho, do Meio Ambiente e os conselhos de participação da sociedade civil. Apoiam o descrédito nas instituições tradicionais de poder, como se as instâncias executiva, legislativa e judiciária não funcionassem, tampouco tivessem suas importâncias dentro da democracia.

Também tem sido formalizada a cultura do medo e do terror (CIOCCARI; PERSICHETTI, 2018), através do estímulo à desconfiança e à insegurança; do reforço da necessidade de repressão policial e armamento civil; do isolamento em propriedades fechadas, monitoradas, de pouco convívio social. É colocada como saída mais conveniente das mazelas de convivermos em sociedade em condições desiguais a supervalorização do capital econômico, das relações de compra e venda, e do consumo, como solução de problemas causados pelas disparidades hierárquicas de poder. Cria-se então um espaço para difusão da necessidade de um herói nacional para colocar ordem no caos gerado por instabilidades políticas e econômicas, o que vai de encontro à lógica de bem-estar, pertencimento em espaços públicos, sociabilidade, inclusão e incentivo à cultura de paz. Ao invés de um herói, poderíamos investir recursos em soluções inteligentes de gestão de conflitos, agindo diretamente na raiz do problema (MILANI, 2008) por meio de ações culturais, de esportes, conscientização político-social, auto-organização, campanhas educacionais, entre outras ações possíveis de desenvolvimento humano, que entendam o ser humano em sua cidadania, em vez de seu simples potencial consumidor.

Não surpreendem, em governos de viés autoritário, os cortes em financiamento à cultura e à educação, principais pilares de conscientização coletiva, conduzindo um processo de indução à desinformação e à ignorância, instrumentalizando assim a opressão. Uma questão sintomática nesse grau causa alerta quando tais características estão sendo promulgadas em uma democracia.

Os regimes de partilha do poder, como por exemplo os vários tipos de democracia, devem ser completados por políticas de reforço da autonomia nas áreas da educação, da cultura e dos meios de comunicação (UNESCO, 2009, p. 29).

Cabe lembrar das disparidades nas relações de poder e do racismo herdados do período colonial, os privilégios de uma classe que dominava naquela época e que hoje ainda permanece no topo na estrutura de poder, beneficiando-se das vantagens obtidas nesse sistema. Essas classes, ao sentirem intenções de mudanças estruturais, movem-se em favor de seus próprios interesses, por meio de capital econômico e político, tentando desestabilizar ações afirmativas de inclusão, equidade e diversidade. No entanto, como uma onda, esse

movimento, na medida que expande, também sofre a ação inversa e tende a recuar por pressão de outros grupos menos favorecidos.

Assim, os grupos sociais com pouca visibilidade política, quando juntos, fortalecem seus capitais econômico, político, simbólico e cultural; conquistam mais espaços nas bases de poder; reconhecem-se como sujeitos políticos participativos (BIROLI; MIGUEL, 2014); e transformam as realidades do micro ao macro. Entende-se que, numa democracia, é possível ouvir qualitativamente as reivindicações dos grupos a despeito do seu tamanho quantitativo.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se entender que a diversidade cultural, os direitos humanos e a democracia dizem respeito à dignidade humana. Estudá-los mais a fundo permite uma maior compreensão dos valores, significados e experiências que a cultura pode oferecer, assim como uma percepção de fatores específicos dos movimentos históricos, sociais, políticos e econômicos, ampliando-se para os campos afetivos e de expressão da arte e da comunicação. Promovê-los pode ter por efeito um melhor diálogo entre as culturas, por conseguinte, os grupos sociais que dividem territórios físico e simbólico podem partilhar de um poder de construção coletiva, apesar de seus equívocos, excessos e particularidades.

A pesquisa realizada no presente trabalho tem as perspectivas voltadas para perguntas e respostas que viabilizem o debate de uma sociedade mais plural, coletiva e disposta a despertar o consciente. Esse modelo de sociedade, portanto, compreende a importância das políticas públicas e dos movimentos sociais como ferramenta de equidade; permite o reconhecimento das diferenças; promove a diversidade; encoraja as liberdades culturais; entende, de forma inteligente, que esses conceitos não limitam as propriedades individuais nem a complexidade da questão.

Por meio de políticas públicas de incentivo à cultura, é possível transformar micro realidades por meio de ações, discursos e mentalidade. Os projetos Roque Pense priorizam o trabalho das mulheres, abrem espaço para que elas atuem e assumam protagonismo nas tarefas. Tratam de discutir assuntos pertencentes às realidades das mulheres na Baixada Fluminense, tais como violência doméstica, garantia de direitos, protagonismo feminino, racismo, classismo, posições de destaque na cadeia produtiva da produção cultural, trabalho, aborto, sexualidade, entre outros. Promove-se, dessa maneira, uma cultura (i) antissexista, sem discriminação de gênero; (ii) antirracista, que luta pela igualdade de direitos em relação

aos grupos étnicos-raciais; e (iii) decolonial, com uma mentalidade que desconstrói pensamentos e comportamentos da “colonialidade” do poder (QUIJANO, 2005), permitindo a subversão da ordem estabelecida.

Foi visto, neste artigo, que a trajetória histórica da Roque Pense começou pelo incômodo gerado nas mulheres em não se verem em lugares de destaque. A faísca latente tomou forma, notoriedade, e movimento por meio da realização de projetos culturais e transformou-se em uma rede que, cada vez mais, agrega novas participantes.

Outro ponto a ser considerado é a troca de saberes entre as participantes que, vindas de diversas condições e de diferentes partes do Brasil, encontram-se em um ponto comum na Baixada Fluminense. Desses contatos, multiplicam-se as expressões que visam contribuir com as experiências de ser mulher e com as mudanças estruturais no modo de pensar. A formação em estudos feministas e produção cultural colabora para a existência de novas perspectivas que questionam mentalidades e comportamentos de uma sociedade patriarcal.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, B. M; PITANGUY, J. **O Que É Feminismo**. São Paulo: Editora Abril Cultural/Brasiliense, 1985.
- CANCLINI, N. G. **Cultura Transnacional y Culturas Populares**. Lima: IPAL, 1988.
- CIOCCARI, D.; PERSICHETTI S. Armas, ódio, medo e espetáculo em Jair Bolsonaro. **Revista Alterjor**. São Paulo, v. 18, n. 2, jul/dez 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/144688>. Acesso em: 27/10/2020
- DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.
- EAGLETON, T. **Ideias de Cultura**. São Paulo: Edunesp, 2000.
- GRILLO, A. Trabalho, Cultura e Produção Cultural: notas para uma sociologia do trabalho com arte e cultura no Brasil. **Ciências Sociais Unisinos**. São Leopoldo, v. 53, n. 3, p. 426-438, set/dez 2017. Disponível em: [http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias\\_sociais/article/viewFile/csu.2017.53.3.03/6443](http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/viewFile/csu.2017.53.3.03/6443) . Acesso em: 10/08/2020.
- HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006.
- HOOKS, b. Intelectuais Negras. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-478, 2º semestre 1995.
- KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. *In: HIRATA, H. et al (orgs)*. **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Unesp, 2010.
- MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. **Feminismo e Política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.
- MILANI, C. O princípio da participação social na gestão de políticas públicas locais: uma análise de experiências latino-americanas e europeias. **Rev. Adm. Pública**. Rio de Janeiro, v.42, n.3, maio/jun 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122008000300006>. Acessado em: 27/10/2020
- PINTO, C. Feminismo, História e Poder. **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In: LANDER, E. et al (orgs)*. **Perspectivas Latino-Americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- RANCIÈRI, J. **A Partilha do Sensível**. São Paulo: Editora 34, 2005. Disponível em:
- ROQUE PENSE. [Site institucional]. Disponível em: <https://www.roquepense.com.br>. Acesso em: 13/06/2020.

SAFFIOTI, H. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

UNESCO. **Relatório Investir no Diálogo Intercultural**. Paris: UNESCO, 2009.

WOOLF, V. **Profissões para Mulheres**. São Paulo: L&PM, 2012. Disponível em: <https://democraciadireitoogenero.files.wordpress.com>. Acesso em: 10/08/2020.